

## A LINHA DA COR

### ENTREVISTA COM A INTÉRPRETE RANE SOUZA

THE COLOR LINE: INTERVIEW WITH RANE SOUZA

#### RESUMO

Nesta entrevista, a terceira de uma série com intérpretes negros (Carvalho Fonseca, 2017, 2018), Rane Souza, mulher negra e intérprete de conferências, nos conduz pelo racismo estrutural no Brasil pensando sua existência, resistência e ativismo. Idealizadora e coordenadora do Programa Abrates Afro da Associação Brasileira de Tradutores, Rane visa promover não apenas a reflexão, mas também uma maior presença negra na profissão de tradutor e intérprete. Por meio da Abrates Afro, Rane cria possibilidades para que outros intérpretes atravessem a linha da cor e nomeia uma realidade que até pouco tempo seguia invisível na profissão de intérpretes de conferência, cujo perfil 'tradicional' é o de pessoas brancas que não só frequentaram os melhores cursos particulares de línguas estrangeiras, mas também tiveram oportunidades de morar no exterior. Quantos intérpretes de conferências há cujas famílias não tiveram condições de arcar com um curso de inglês? Até conhecer Rane, eu não havia conhecido nenhum.

**Palavras-chave:** Interpretação de conferências. Intérprete. Mulher negra. Racismo estrutural.

#### ABSTRACT

In this interview, the third in a series with black interpreters (Carvalho Fonseca, 2017, 2018), Rane Souza, a black woman conference interpreter, patiently guides readers through structural racism in Brazil, while thinking-aloud about her existence, resistance and activism. Rane aims to promote not only awareness, but also a greater black presence in the translation and interpreting profession. By creating and organizing Abrates Afro, Rane opens doors for potential black interpreters to cross the color line and attaches a name to a reality that until recently remained invisible in conference interpreting, a profession whose "traditional" profile is that of whites who not only benefitted from private language courses, but also had opportunities to live in the geographies of their working languages. How many conference interpreters are there in Brazil whose families could not afford an English language course? Until I met Rane, I knew none.

**Keywords:** Conference Interpreting. Interpreter. Black women. Structural racism.

---

**Luciana Carvalho Fonseca**

Universidade de São Paulo (USP). Professora doutora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: [lucianacarvalho@usp.br](mailto:lucianacarvalho@usp.br)

## Introdução

“Aqui, uma mulher negra não vale nada”. A frase ficou ecoando na cabeça da premiada escritora ruandesa Scholastique Mukasonga após recente visita ao Brasil. Mukasonga ressalta o número de vezes em que fora alertada sobre a falta de segurança no Brasil e como ser mulher negra implica ser alvo de racismos e racistas em todo lugar (Mukasonga, 2019).

No país com índice de representatividade de mulheres (todas) no parlamento comparável ao do Oriente Médio – 9,5% contra 22,5% da média mundial (Chade, 2015) e onde a igualdade de gênero no executivo só deve ser atingida no ano de 2038 para o cargo de prefeita e só em 2068 para o cargo de governadora (*Ranking de presença feminina no poder executivo - PMI 2018*, 2018: 3), em termos de representatividade, as mulheres negras são a minoria da minoria. O racismo estrutural faz com que mulheres pretas e pardas sejam mantidas na base da pirâmide política, social e econômica brasileira.

Politicamente, apenas 0,18% dos prefeitos eleitos são mulheres negras, apesar de as mulheres negras representarem 21% dos votos válidos na última eleição presidencial (idem :3).

Socialmente, em relação a taxa de homicídio, enquanto a de mulheres brancas recuou 10% entre 2003 e 2013, a de mulheres não-brancas aumentou mais de 50% (Silveira & Sito, 2018). As mulheres pretas e pardas são também as que mais são vítimas de violência e morte no parto: 60% das vítimas de mortalidade materna são pretas e pardas (Laura, 2018).

No âmbito econômico, as mulheres não-brancas, apesar de serem as primeiras a ingressar no mercado de trabalho – na condição de empregadas domésticas –, são as últimas a se aposentar e as que recebem o menor salário. Com um bolo tributário composto por impostos sobre o consumo (ao contrário do dos países com menores índices de desigualdade social, onde se tributa a renda em oposição ao consumo), a mulher negra é a que proporcionalmente mais paga imposto no Brasil, já que é obrigada dispor de praticamente toda sua renda para sobreviver – comprar alimentos e gêneros de subsistência.

Rane Paula Morais Souza, conhece muito bem a realidade brasileira: “Sou perseguida por agentes de segurança – policiais e seguranças particulares – todos os di-as em lojas e estabelecimentos comerciais.”, disse durante o IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Tradutores (Abrates) realizado em junho de 2018 no Rio de Janeiro. Única intérprete mulher negra associada à Abrates (Dorali, 2018), Rane Souza foi convidada a falar sobre representatividade. Para ela, falar na Abrates representou uma oportunidade de “propor uma reflexão coletiva sobre o impacto do racismo institucional na nossa profissão” (Rissatti & Souza, 2018: 20).

Rane compartilhou o palco com outro tradutor negro, Petê Rissatti. Cientes da dimensão de sua missão, no seio de um grupo de profissionais majoritariamente

brancos no contexto de um país com mais de 500 anos de história racista. Diante dos dados apresentados sobre a população negra no Brasil, na plateia, “o silêncio se instalou” (Rissatti & Souza, 2018: 20). O perfil “tradicional” dos intérpretes de conferência no Brasil é o de pessoas que não só frequentaram os melhores cursos particulares de línguas estrangeiras, mas também tiveram oportunidades de realizar intercâmbio e/ou morar no exterior com a família por períodos significativos.

Quantos intérpretes de conferências há cujas famílias não tiveram condições de arcar com um curso de inglês? Até conhecer Rane, não tinha conhecido nenhum.

Rane Paula Morais Souza, nascida em abril de 1983, teve que estudar inglês por conta própria valendo-se de sua criatividade durante o ensino fundamental. Mais tarde, formou-se em Letras pela PUC Minas em 2006. O primeiro curso de tradução que fez foi o Daniel Brillhante de Brito no Rio de Janeiro (2008-2009). A formação em interpretação veio um pouco depois, em 2011, no Brasilis. Desde a graduação, é professora de inglês e de português para estrangeiros e continua investindo na carreira de intérprete para “fazer a transição definitiva para tradução e interpretação”.

Esta entrevista ocorreu no início de julho de 2016 na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, na Av. Paulista, em São Paulo, no intervalo do EPIC English, curso de prática de cabine e língua para intérpretes oferecido por David Coles e Ulisses Carvalho, com organização da Lingua Franca, comandada por Marília Aranha e Renato Geraldês.

Faz cinco anos que Rane começou a trabalhar de forma mais consistente com tradução e interpretação, em inglês e português. Para todos os intérpretes iniciantes, a progressão pela demanda de serviços de interpretação não costuma ocorrer da noite para o dia. Rane já passou pelo crivo dos primeiros cinco anos e agora está trilhando o caminho do próximo quinquênio para se tornar uma intérprete experiente.

Além dos dois cursos de interpretação mencionados, Rane também fez o HIIT em Curitiba, ministrado por Raquel Schaitza e pretende fazer o izb de Marcelle Castro no Rio. Segundo Rane, a formação continuada é necessária pois representa profissionalização: “Negro precisa ser mais qualificado para ‘evitar’ questionamentos. É uma estratégia de sobrevivência”.

Outra estratégia de sobrevivência é o Programa Abrates Afro, idealizado e coordenado por Rane Souza, com o objetivo criar possibilidades para que outros intérpretes atravessem a “linha da cor” (Du Bois, 1903; Franklin, 1993) ao menos profissionalmente, promovendo maior presença negra na profissão de intérprete, pois “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (Ribeiro, 2017)

Este impulso de Rane ecoa a célebre frase de Angela Davis: “Eu não estou mais aceitando aquilo que eu não posso mudar. Estou mudando aquilo que não posso aceitar”.

Nesta entrevista, a terceira de uma série com intérpretes negros (Carvalho Fonseca, 2017, 2018), Rane nos conduz pelo racismo estrutural compartilhando e elaborando as complexidades de sua existência e resistência e ativismo.

**LCF: Como você aprendeu inglês?**

**RS:** Quando eu era criança, eu tinha muita curiosidade em aprender inglês. Eu falava com a minha mãe que queria aprender e ela respondia: “Filha, não tem como pagar o curso de inglês”. Então, respondi: “Ah, mãe, vou dar um jeito e vou aprender”. Como eu estudava em uma escola onde meus amigos frequentavam cursos de inglês mas não gostavam muito, eu pegava os livros deles, com as fitas cassettes e fazia o dever de casa. Uma amiga fazia aulas às terças e quintas, me entregava o livro dela na segunda, eu estudava, fazia o dever e devolvia. Ela levava pra aula na terça, na quarta me entregava de novo. Foi assim até a oitava série.

**LCF: E durante o ensino médio?**

**RS:** No ensino médio, continuei a estudar por conta própria, mas eu já estava em uma escola que tinha uma biblioteca fantástica: o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Hoje o CEFET é um Instituto Federal. Fiz o ensino médio e o curso técnico de edificações. Gostei muito do técnico, mas acabei não me firmando na área. Como eu tinha demanda por trabalho dando aulas de inglês, acabei fazendo Letras um ano depois de concluído o ensino médio, porque fui fazer o estágio técnico. Gostava muito da área, mas o estágio foi em 2001, um ano muito difícil na economia brasileira. Não tinha demanda de trabalho para técnico de edificações, na área da construção civil. Em 2003, eu já estava fazendo Letras e feliz com a escolha. A construção civil voltou a se movimentar em 2008, foi o auge. Eu me senti tentada a talvez voltar, mas acabou que eu foquei mesmo em continuar trabalhando com idiomas.

**LCF: Qual foi a sua primeira experiência como intérprete simultânea? Como foi?**

**RS:** Foi na Rio +20 e eu estava começando. Minha companheira de cabine e eu fomos contratadas por uma empresa que venceu a concorrência por menor preço. Eu tinha acabado de me formar no curso de interpretação da Brasilis e ela estava no início da formação. Éramos duas intérpretes inexperientes.

**LCF: Esta entrevista faz parte de uma série com intérpretes negros e parte da metodologia empregada é pedir indicações de outros intérpretes para as próximas. Você conhece outros intérpretes que se identificam como negros?**

**RS:** Sim. Henrique Cotrim, daqui de São Paulo, Petê Rissati também. Gabriela Nunes de Brasília. No caso do Petê Rissati, ele é tradutor e trabalha com inglês, português, espanhol e alemão. Ele foi adotado por uma família branca e começou a se reconhecer como negro por volta dos 20 anos. Diferentemente de mim, ele é um negro de pele clara e isso pode fazer com que a pessoa não se identifique como negra.

### **LCF: Como é ser mulher negra no Brasil?**

**RS:** Em uma conversa com um colega sobre racismo nos vários estados, falamos das nossas impressões no meio. O Rio sendo pior que São Paulo, no sentido de acharem que você necessariamente está fazendo um trabalho que sempre foi negado aos negros, um trabalho que demanda menos formação. Eu não conheço tão bem São Paulo, mas comparado a Minas Gerais, Belo Horizonte, onde fiz ensino médio e faculdade o Rio é muito mais tranquilo. Eu passei por situações de cuspirem em mim na rua, em Minas. No Rio não, ali o racismo aparece de outras formas. Principalmente em estabelecimentos comerciais. Sempre que vou a uma loja, ao supermercado, há um segurança te observando. Isso é diário.

Quando preciso ler um rótulo na farmácia, por exemplo, às vezes vem um fiscal me observar. Atualmente, eu vou e entrego o produto pra ele e peço pra ele ler pra mim os ingredientes. Eu até falo, “Então, vamos aproveitar que o senhor está me seguindo pra fazer alguma coisa para ajudar, né? O senhor poderia ler o rótulo pra mim?”. É muito cansativo mas, faz parte. Em Minas, como eu já disse, acontecem coisas piores como em alguns supermercados, onde você precisa deixar suas coisas num guarda volumes se for entrar.

Eu tenho ainda outro problema: me encaixo no estereótipo de ‘mulata tipo exportação’. Em Copacabana, já aconteceu de eu estar pagando uma conta nas lojas Americanas e um gringo atrás de mim me oferecer um programa. Ir a praia sozinha no Rio é um problema também. O racismo se manifesta de muitas formas. Outra vez em Copacabana, eu estava dando uma entrevista pra um jornalista dinamarquês sobre racismo e alguns funcionários do restaurante acharam que eu tava usando o restaurante como ponto de programa. Quando o entrevistador foi ao banheiro, um garçom veio me chamar atenção, falou: “Olha, isso aqui não é pra isso não.” Respondi, “Moço do que você está falando?” e ele “Ó, vai rodar a bolsinha em outro canto”. Em seguida eu falei, “Eu estou dando uma entrevista”.

### **LCF: Ninguém mais fez nada?**

**RS:** Metade dos funcionários do restaurante eram negros. Além disso, todo mundo em volta já estava olhando a interação na minha mesa. Conteí ao jornalista que me entrevistava e ele disse “É difícil de acreditar”. Na mesa ao lado, havia outro rapaz dinamarquês que tava com a esposa brasileira, e a família da esposa. Este dinamarquês puxou assunto com o jornalista porque o viu falando ao telefone em dinamarquês.

O jornalista então perguntou ao dinamarquês na outra mesa: “Eu percebi que vocês todos estavam olhando muito pra cá. Por quê?”. A resposta foi: “Minha esposa e a mãe dela estavam achando que você tinha contratado uma prostituta”. Portanto, a cena foi percebida da mesma forma não só pelos funcionários negros mas pelos próprios clientes.

**LCF: Você mencionou Minas Gerais algumas vezes. Quanto tempo você morou lá?**

**RS:** Eu cresci em Coronel Feliciano, Vale do Aço, em Minas Gerais, onde morei até os 15 anos. Dos 15 aos 25, morei em Belo Horizonte para onde me mudei com meu irmão para estudar no CEFET. Depois que me formei pela PUC-MG, fiquei ainda mais dois anos na cidade. Eu já tinha vontade de trabalhar como tradutora só que me faltavam as ferramentas e eu trabalhava em uma escola de inglês lá, onde só me deixavam dar aula para alunos de nível básico. Nunca me ofereciam as aulas de nível intermediário. Quando me formei, já estava trabalhando com professora de inglês há dois anos e meio e percebi que enquanto eu estivesse naquela escola e em Belo Horizonte eu ia ser a eterna professora de criancinha. Pensei, já que eu quero ver coisas diferentes, fazer coisas diferentes, eu preciso sair de Belo Horizonte. Lá eu ainda fiz o processo seletivo da Cultura Inglesa várias vezes. Eu passava na prova, passava na entrevista, mas na hora de conseguir turma, não me davam retorno.

**LCF: Você foi aprovada em mais de um processo seletivo?**

**RS:** Sim. Passava todo o processo, todas as vezes: foram três vezes.

**LCF: Você atribui isso ao racismo?**

**RS:** É uma possibilidade, mas eu não tenho provas materiais para apontar que foi racismo. Uma vez chegaram a me convidar para o treinamento, o qual eu fiz, mas depois nunca entraram em contato. Por outro lado, quando cheguei ao Rio, fui aprovada no primeiro processo seletivo da Cultura Inglesa e comecei a trabalhar na sequência. Depois de um tempo, acabei saindo para trabalhar em uma escola de *Business English* que pagava um pouquinho melhor e eu conseguia conciliar com o curso de tradução. Depois, passei a dar aula particular e a investir na área da tradução mesmo.

**LCF: Em uma conversa prévia, você mencionou um colega de profissão que passou a se identificar como negro após os vinte anos de idade. E você? Quando você se descobriu negra?**

**RS:** Houve um breve momento que eu tentei negar a minha identidade. Foi aos seis anos. Viajamos à praia. Foi a primeira vez que fui à praia e lá ficava sentada na areia,

tomando sol o dia inteiro. Sem sol, meu tom de pele é amarelado assim. Mas depois que eu voltei do Espírito Santo, eu estava naturalmente muito mais escura. Estava uns cinco tons mais escura que esse tom agora. Ao me ver, uma amiguinha me disse: “Nossa, você está tão preta!”. Eu respondi: “Não sou preta, estou queimadinha de sol”. Cheguei em casa e comentei com a minha mãe. Na hora, ela me disse: “Filha, você é preta, sim”. Como minha mãe é uma mulher de pele muito escura e por mais que eu tenha a pele um pouco mais clara, tenho todas as características de negro muito marcadas: o cabelo, o nariz, os lábios, portanto, eu nunca, mesmo quando eu queria fugir dessa identidade não me foi possível.

**LCF: E como era na escola?**

**RS:** Minha mãe fazia questão de pagar uma escola particular para a gente. A escola que eu e meu irmão estudamos era particular e de 300 crianças, 4 eram negras. No CEFET havia cerca de 10 alunos negros na turma de 40. Lá era um pouco melhor, mas mesmo quando eu queria fugir dessa identidade, na escola, havia todo tipo de apelido: “macaca”, na adolescência por causa da acne, os apelidos eram “anticristo”, “choquito”. Havia também as músicas. Todo dia alguém cantava para mim uma música do Chiclete com Banana que fala em “meu cabelo duro”.

**LCF: Como você lidava com a situação?**

**RS:** Eu era muito brava quando pequena, então eu batia em todo mundo. Minha mãe falava, “É, fez muito bem.”. Por conta disso, quando pequena, não desenvolvi estratégia inteligente para lidar com o racismo. Foi na adolescência e na juventude que passei a desenvolver estratégias melhores. O que eu fazia principalmente na adolescência e no início da faculdade era ler muito a respeito do racismo. Percebia que alguns dos colegas negros com quem eu convivia em sala tinham consciência racial zero. Eu sempre corri atrás de leituras e através delas me firmei.

**LCF: Essas leituras tiveram a participação de sua mãe também?**

**RS:** Nem tanto. Apesar de minha mãe sempre ter tido uma postura muito forte de combate ao racismo, foi mesmo na faculdade que desenvolvi pesquisa sobre literatura afro-brasileira e literatura africana. Durante a pesquisa, lidamos com vários textos dissecando o racismo, as peles negras, as máscaras brancas. Em 2003, comecei a fazer essas leituras. Uma marcante foi *O Atlântico Negro* de Paul Gilroy (2001) que analisa o mundo pós-colonial. Essas leituras estavam vinculadas a meu projeto de pesquisa de Iniciação Científica em literatura afro-brasileira e literatura africana.

**LCF: O que você pesquisou na Iniciação Científica?**

**RS:** Minha pesquisa foi sobre a representação no negro na literatura do século 19. Verifiquei que a representação da época era completamente estereotipada e que pouco difere da representação que hoje assistimos na tv. Ou seja, mudou a mídia que naquela época eram os jornais, folhetins e romances, mas não mudou a representação da pessoa negra.

**LCF: Quais livros você indicaria a um(a) jovem intérprete negro(a)?**

**RS:** “Um defeito de cor” (2006), da Ana Maria Gonçalves, um romance de mais de 900 páginas. É um livro muito bom principalmente para aqueles que se consideram mestiços, pardos, e para aquela pessoa que pensa “É, eu não sou tão negro assim” ou ainda “Eu não preciso lidar com essa questão.” No Brasil, a gente tem a tendência de achar que o racismo é uma questão com a qual apenas os negros têm que lidar, mas se trata de uma questão com a qual todos nós, como sociedade, temos que lidar. A situação do racismo é tão grave, e eu digo que é grave porque já se passaram 130 anos do fim da escravidão e, em termos de estrutura social, a mudança foi muito pequena. Há uma pesquisa da Oxfam que prevê que negros e brancos vão ter equiparação de renda em 2089 se nada mudar. Ou seja, diante da gravidade todos nós precisamos de iniciativas, políticas públicas e iniciativas institucionais também, da sociedade civil, das associações...

**LCF: Você foi recentemente convidada pela direção da Associação Brasileira de Tradutores (Abrates) para falar do racismo no Brasil no XI Congresso Internacional, ocorrido no Rio em 2018. Como foi a experiência? O que você considerou importante destacar?**

**RS:** O convite partiu do Ricardo Sousa, atual presidente da Abrates, e do Willian Casemiro, presidente anterior.

Ricardo Sousa em uma ocasião se aproximou de mim e disse: “Eu reparo que nas redes sociais você tem uma postura muito militante com relação ao combate ao racismo. Você não gostaria de falar sobre o assunto no próximo congresso da Abrates?”. Respondi que adoraria. O convite oficial foi feito juntamente com o Willian e fui convidada para falar sobre a interface do racismo com o nosso mercado e sobre a situação em que o intérprete – ou tradutor – é contratado por ser negro ou porque vai trabalhar com um público negro. Fiquei sabendo que eu falaria juntamente com outro tradutor negro, Petê Rissati, com o qual me reuni para alinharmos nossos recortes. Petê estruturou sua fala em três pilares básicos: intolerância religiosa, discriminação a LGBTs e racismo institucional. Ele falou muito de empatia e que para sermos capazes de superar o racismo a empatia é chave, empatia na profissão como um todo, empatia com os novatos.

Na minha fala optei por abordar o racismo institucional, porque eu teria a possibilidade de usar dados de várias instituições pra dar suporte ao meu argumento.



Comecei falando que o racismo estrutural está em todos os cantos, na padaria a que você vai todo dia, nas aulas de capoeira que você faz, na sua família. Procurei demonstrar que precisamos combater o racismo que está nas estruturas do governo, operando para que o negro não atinja uma inserção saudável na sociedade. Me vali de minha experiência pessoal e relatei que quando eu era pequena sempre pensava, por que o problema continua se a escravidão “acabou”. Quanto mais fui estudando sobre a persistência do racismo tanto estrutural quanto institucional, passei a perceber que o Estado e a sociedade como um todo trabalham para que as estruturas não mudem. Na sequência, mencionei que a abolição foi feita em 13 de maio de 1888, mas em 1890 quando foi lançado o código civil, a prática da capoeira era crime, assim como a prática das religiões afro-brasileiras. A capoeira foi criminalizada até 1937, ou seja, expressões da cultura afro-brasileira eram utilizadas como estratégia para prender e criminalizar negros após o “fim” da escravidão.

Abordei também a eugenia como política de estado usando um trecho de uma das constituições brasileiras. Citei o caso dos meus pais, pois sou filha de pessoas que, na escola, por serem crianças negras, tinham que sentar atrás das crianças brancas. Minha mãe frequentou escola pública no interior de Minas, em Mesquita. Já o meu pai morava muito longe da escola e ia a pé para a escola. Meu pai tem 68 anos e é analfabeto funcional. Ele assina o nome dele mas lê com muita dificuldade. Recentemente, visitei meus pais em maio e fiz uma lista de compras para o meu pai. Com a letra cursiva, escrevi alho e ele trouxe milho. Quando ele era mais novo, tenho a impressão de que ele memorizava, nem lia a lista, trazia tudo certinho.

**LCF: Quais as outras histórias seus pais relatam da escola que frequentaram?**

**RS:** Meu pai conta que as professoras davam as respostas para as crianças brancas e não davam para as crianças negras. O mais grave aconteceu com a minha mãe que quando ela chegou ao final da quarta série, ela queria continuar estudando, mas a diretora da escola falou que só podia matricular no quinto ano filho de fazendeiro. Ela parou de estudar e só voltou a estudar aos 24 anos. Minha mãe teve filhos mais tarde, porque se ela tivesse tido filhos mais cedo ela não teria voltado a estudar, não teria mesmo.

**LCF: Que outros dados que você considera importantes em relação ao racismo estrutural no Brasil?**

**RS:** Como a imigração europeia foi estimulado em detrimento da presença dos africanos que já estavam no Brasil. As políticas de branqueamento durante a ditadura militar. As políticas de assimilação refletidas em, por exemplo, uma música do Martinho da Vila que diz “Ah, se você é preto casa com uma branca, se você é branca casa com um negro”. Os dados sobre a disparidade de renda: a renda dos negros é 57% da renda dos brancos, que 63,7% das pessoas desempregadas são

negras, pretas ou pardas e dentro desse universo a grande maioria são mulheres negras. E são essas mulheres que muitas vezes são responsáveis pelo sustento da família. Tudo isso é resultado das questões estruturais. Há reflexos do racismo até nos índices de transplante de pâncreas: 93% das pessoas que recebem transplante de pâncreas no Brasil são brancas e se você considera que a população brasileira é composta por 54% de pretos e pardos, percebe-se que há algo de muito errado. Na saúde, as consultas de mulheres negras no pré-natal são mais curtas que a de mulheres brancas, as mulheres negras recebem menos anestesia, a violência obstétrica é maior, a mortalidade materna é maior. No quesito violência: 77% das pessoas assassinadas são homens negros entre 15 e 24 anos, a chance de uma pessoa negra ter uma morte violenta é 158% maior que de uma pessoa branca. Há dados mais positivos. Hoje, 34% das pessoas ingressando em uma faculdade, esse número é de 2016, se consideram negras. Nos últimos anos, o governo do Partido dos Trabalhadores tem tomado iniciativas para tentar possibilitar acesso da população negra à educação superior. A lei das cotas é um exemplo exitoso. O estatuto da equidade racial, aprovado em 2010, também é exemplo. A lei da obrigatoriedade do ensino da história afro, africana e afro-brasileira é outro. Há várias iniciativas positivas também, mas é necessário adesão da sociedade e das instituições como um todo<sup>1</sup>.

#### **LCF: E o que uma instituição como a Abrates poderia fazer?**

**RS:** Tenho um projeto que ainda está em estágio embrionário. Abrates Afro é uma iniciativa que contribuirá para divulgar a profissão de intérprete que ainda é muito desconhecida do grande público. A ideia seria divulgar a profissão para estudantes de ensino médio e estudantes de graduação em Letras. É muito comum as pessoas associarem a faculdade de Letras exclusivamente à formação de professores. Assim, divulgar a profissão por meio de palestras, oficinas, workshops para o público negro que tenha interesse em se tornar tradutor ou intérprete, de modo a fomentar que esses profissionais possam no futuro ser os tradutores dos conteúdos que lhes interessa. Por exemplo, a Netflix tem algumas séries que trabalham muito a questão negra. Não conheço a equipe de legendadores envolvida, mas será que há legendadores negros envolvidos? E os demais autores negros que chegam ao Brasil? Quem traduz? Por exemplo, a Chimamanda Ngozi Adichie é traduzida por uma tradutora do Rio, eu não a conheço pessoalmente mas ela é uma tradutora branca. Não estou julgando a qualidade da tradução dela, mas apenas questionando a falta de representatividade de tradutores negros em trabalhos de autores negros, decorrente do racismo estrutural que não permite – ou dificulta ao extremo – que negros se formem tradutores ou intérpretes.

<sup>1</sup> Vale ressaltar que esta entrevista ocorreu no início de julho de 2018, portanto, antes do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. No contexto atual, o governo federal comandado por Jair Bolsonaro, acaba de assinar decreto liberando a posse de armas para a população brasileira. Especialistas apontam para a probabilidade de aumento de mortes violentas no país que contabiliza 30,3 mortes por 100 mil habitantes, número trinta vezes mais alto que o europeu (*Atlas da Violência*, 2018).

**LCF:** Essas ações que você menciona são todas voltadas para fora da Abrates, como se a associação já tivesse uma consciência de que há racismo, há preconceito. Você acha que essa consciência já existe por partes dos colegas?

**RS:** Acho que os membros da diretoria com quem eu conversei possuem a abertura necessária para pautar a inclusão racial, mas não podemos ser ingênuos a ponto de considerar que todos os associados vão aplaudir a iniciativa. Por outro lado, há colegas fora da associação que podem ser parceiros em potencial e podem contribuir para a formação de intérpretes negros. A iniciativa irá precisar de recursos. Este curso que estou fazendo hoje, EPIC da Língua Franca, sou mais uma vez a única intérprete negra de cerca de 15 inscritos. Seria interessante se no futuro próximo a Abrates Afro pudesse oferecer uma bolsa de 50% pra que um intérprete negro pudesse fazer o curso.

**LCF:** Talvez seja interessante entrar em contato com aqueles que oferecem o curso para ver se há a possibilidade de doar ou disponibilizar uma gratuidade<sup>2</sup> para um intérprete negro indicado pela Abrates Afro, por exemplo.

**RS:** Sim, isso seria também uma possibilidade, mas considerando que haja resistência, que a iniciativa também possa arcar.

**LCF:** Você espera resistência?

**RS:** Vai haver resistência certamente. Uma pessoa que eu conheço, um tempo após minha fala da Abrates, me falou por WhatsApp que considerou minha atitude vitimista. Perguntei em que parte. Pensei que tivesse sido quando eu me emocionei ao comentar que nunca tinha feito intercâmbio. Em uma situação normal eu jamais teria chorado ao falar sobre isso, mas a oportunidade de falar a meus colegas de profissão mexeu muito comigo. Mas, não, ela disse eu fui vitimista quando mostrei os dados e a história. Respondi que os fatos, as estatísticas e a história são comprovados e que se ela não foi capaz de perceber como as pessoas negras são afetadas por eles até hoje é melhor nem continuarmos a conversa. Em seguida, ela me acusou de ser oportunista, que eu estava querendo me promover e entrar no mercado por causa da minha fala. Felizmente sei que me estabelecer é uma questão de tempo e que tenho condições de continuar a desenvolver minhas habilidades. Agora, para as outras pessoas negras como eu que ainda consideram a tradução e a interpretação um sonho, são essas as pessoas que precisam de ajuda. Pessoalmente, estou encaminhada. Em outra situação, o nome Abrates Afro foi criticado por uma colega negra. Ela mesma relata sofrer preconceito de colegas brancos, afirmando que os colegas a tratam como se fosse “empregada doméstica”. Na opinião dela, o nome Afro geraria mais divisão e seria melhor algo como Abrates Diversidade. Infelizmente, penso que um nome desses apenas tapa o

---

<sup>2</sup> Interessados em apoiar o Programa Abrates Afro, entrar em contato com a entrevistada pelo email [ranemoraissouza@hotmail.com](mailto:ranemoraissouza@hotmail.com)

sol com a peneira. Pois, o termo afro reconhece a validade histórico-social do termo raça – diferentemente de reconhecer a existência de raças humanas – e valoriza nossa ancestralidade.

**LCF: Apesar desse relato de resistência, soube que sua fala foi muito bem recebida. Quais foram os pontos positivos?**

**RS:** De fato, conversei com outras pessoas que assistiram que me disseram que gostaram muito. Uma colega de BH disse: “Mesmo para uma pessoa branca que se tenta ter uma atitude progressista não foi fácil ouvir aquilo”. Para mim, também não foi fácil falar.

**LCF: Ainda em relação à Abrates Afro, quando você fala que nunca fez intercâmbio eu percebo sua dor, mesmo porque praticamente todos nossos colegas intérpretes tiveram alguma experiência no exterior, em muitos casos quando jovens. Essa oportunidade está muito distante da população negra. Assim, como atrair negros para a profissão se não tiverem a oportunidade de estudar uma língua estrangeira?**

**RS:** Uma das barreiras que os negros enfrentam é de fato a falta de acesso. Falta de acesso às coisas básicas em muitos casos. Para evidenciar as barreiras, na minha fala na Abrates fiz o jogo do privilégio antes de apresentar os números, pois os números são frios. Como eu sabia que a plateia que ia me ouvir seria 90% branca, adaptei o jogo do privilégio e pedi que dessem um passo a frente ou um passo atrás a cada comando. O jogo completo aborda questões de gênero, econômicas, raciais e mais. Fiz apenas o recorte racial com dez voluntários e apenas 20 comandos em vez dos 50 originais. Dos 20 comandos, 10 seriam para dar um passo a frente e 10 um passo atrás. Antes de começar, dentre os voluntários, pedi que pelo menos dois fossem pessoas negras.

Durante o jogo, uma colega do rio, neta de político, dos 10 comandos de um passo a frente, deu 10 e dos 10 comandos de um passo atrás, não deu nenhum. Entre os comandos estavam: se você cresceu numa casa com uma biblioteca com mais de 50 livros, dê um passo a frente; se você cresceu em uma casa de um cômodo, dê um passo atrás; se você ganhou viagens ou intercâmbios de presente da sua família, dê um passo a frente. Neste último, todos os voluntários brancos deram um passo a frente.

**LCF: Nenhum dos negros deu passo a frente?**

**RS:** Um deles deu, o outro não. Outros comandos foram: se você pode contar com a ajuda da sua família no caso de dificuldade financeira, dê um passo a frente; se você já

passou por uma situação de discriminação no trabalho em que fizeram piada do seu cabelo ou da sua pele, dê um passo atrás. Neste último comando, só os negros deram um passo atrás. No meio do jogo, Maria Paula estava emocionada.

**LCF: Havia negros na plateia?**

**RS:** Cheguei a brincar com este assunto. Falei que iríamos fazer o teste do pescoço. Coloquei a foto do congresso da Abrates de 2013 que foi em Belo Horizonte. A única negra na plateia era eu. Em seguida, convidei todos a olhar para a plateia de 2018 e perguntei quem se considerava negro. Cerca de três pessoas levantaram a mão. Foram os intérpretes de LIBRAS. Entre os intérpretes de LIBRAS, os negros são maioria segundo um pesquisador da Universidade Federal de Pelotas.

**LCF: Imagino que por se tratar de um congresso de uma associação profissional não houvesse tantos acadêmicos na plateia. Havia?**

**RS:** Havia alguns, mas não eram maioria. Interessantemente, um pesquisador do Mato Grosso mencionou comigo que sentiu falta de teoria crítica na minha fala. Como eu conhecia bem o perfil do público, respondi que precisava criar uma estratégia pra atingir o público que estava lá e que não seria adequado usar termos como feminismo marxista ou feminismo interseccional, por exemplo. Ou ainda falar algo como “a luta contra o racismo é estratégia da luta contra o capitalismo”. As pessoas não iriam me ouvir e iriam desligar na hora. Já o jogo do privilégio toca todos em sua experiência e a partir dela cada um consegue perceber a diferença, ou seja, o racismo que não sofrem.

**LCF: Uma última pergunta em relação à Abrates Afro. Trata-se de uma iniciativa só para intérpretes negros ou intérpretes brancos que apoiam a causa podem fazer parte?**

**RS.** No momento, a maioria das pessoas que demonstraram interesse em apoiar a iniciativa são pessoas brancas e agradeço todas. Porém, é importante que o protagonismo seja e permaneça com os negros.

**LCF: Fica então o convite às pessoas que leram esta entrevista e que tenham condições de apoiar a iniciativa e/ou se identificam com ela entrarem em contato com você.**

**RS:** Reitero o convite. É um caminho bom porque, a identificação identitária é algo muito pessoal. Não são todas as pessoas de pele parda ou preta que se identificam como negros, portanto em relação aos colegas a Abrates Afro não irá atrás de colegas negros, mas estará de portas abertas a recebê-los.

**LCF: Rane, preciso te agradecer pela disponibilidade. Esta entrevista está acontecendo no intervalo de um curso que você veio fazer em São Paulo. Portanto, para irmos encerrando a entrevista, pergunto com que intuito você busca fazer cursos na área da interpretação?**

**RS:** Na área da tradução e da interpretação há muitas pessoas que se tornam profissionais por acaso, sem formação na área e passam a carreira sem ter feito nenhum curso formal. Entretanto, quando você é negro as pessoas duvidam que você é capaz de fazer um bom trabalho. Isso vale para qualquer área. É preciso estar muito bem qualificado para fazer aquilo a que você se propõe. Só neste ano de 2018, fiz o HIIT no início do ano e o EPIC agora. No ano que vem, pretendo fazer o HIIT novamente e explorar outros cursos também.

**LCF: A profissionalização e a formação continuada seriam ‘estratégias de sobrevivência’?**

**RS:** Sim. Quer na área acadêmica ou não. São importantíssimas porque um profissional negro em qualquer área é mais questionado e precisa demonstrar *todos os dias* que é competente. A formação vai além da questão da inserção no mercado. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência sim, pois *todos os dias* da sua vida profissional vão duvidar de você por você ser negro.

## Palavras finais

É preciso trazer à tona algo que a versão escrita desta entrevista não capta. Não foram recuperadas as sutilezas racistas do contexto da entrevista, feita no café da Livraria Cultura do Conjunto Nacional, São Paulo. Os olhares vindos das demais mesas, os olhares das pessoas na fila do café e sobretudo os olhares lancinantes projetados sobre Rane pelos transeuntes na Avenida Paulista enquanto andávamos até a Rua Pamplona. Todos os olhares acusavam que ela não pertencia àquela geografia. Todos os olhares declaravam o apartheid que existe no Brasil. Se há limitações territoriais, se há espaços em que determinados grupos não frequentam ou não são bem-vindos, – pouco importa se se trata de uma política oficial explícita ou implícita –, há segregação, há racismo, há apartheid. Não é mais possível “tapar o sol com a peneira”.

## Referências

*Atlas da Violência*. (2018). Rio de Janeiro. Recuperado de [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)

Carvalho Fonseca, L. (2017). Ser intérprete e negro no Brasil e na Venezuela: entrevista com Amaury Williams de Castro. *Translatio*, 1(13), 348–369. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/73309/42053>

Carvalho Fonseca, L. (2018). Being a black woman conference interpreter in Brazil: an interview with Shanta Walker. *Tradução Em Revista*, 24(1), 1–16. Recuperado de <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.34550>

Chade, J. (2015, March 6). Brasil tem menos mulheres no Legislativo que Oriente Médio. *Estadão*. Recuperado de <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-menos-mulheres-no-legislativo-que-oriente-medio,1645699>

Dorali, I. (2018). Instituto Maria e João Aleixo e ABRATES selam parceria para inclusão de profissionais negros no ofício da tradução e interpretação – IMJA. Retrieved January 14, 2019, from <http://imja.org.br/pt-br/2018/10/15/instituto-maria-e-joao-aleixo-e-abrates-selam-parceria-abrates-afro/>

Du Bois, W. E. B. (1903). *Souls of Black Folk: Essays and Sketches*. Chicago: A.C. McClurg & Co.

Franklin, J. H. (1993). *The Color Line: Legacy for the Twenty-First Century*. Columbia and London: University of Missouri Press.

Gilroy, P. (2001). *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. (Trad. Cid Knipel Moreira). São Paulo e Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes.

Gonçalves, A. M. (2006). *Um defeito de cor* (17a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Laura, A. (2018, March 6). Segundo Ministério da Saúde, 62,8% das mulheres mortas durante o parto são negras. *Alma Preta*. Recuperado de <https://almapreta.com/editorias/realidade/segundo-ministerio-da-saude-62-8-das-mulheres-mortas-durante-o-parto-sao-negras>

Mukasonga, S. (2019). Tribune. Scholastique Mukasonga: au Brésil, «une femme noire ne compte pour rien». *Libération*. Recuperado de [https://www.liberation.fr/debats/2019/01/06/scholastique-mukasonga-au-bresil-une-femme-noire-ne-compte-pour-rien\\_1701321](https://www.liberation.fr/debats/2019/01/06/scholastique-mukasonga-au-bresil-une-femme-noire-ne-compte-pour-rien_1701321)

*Ranking de presença feminina no poder executivo - PMI 2018*. (2018). São Paulo. Recuperado de <http://urlmaster.com.br/ctratk/marlene-campos-machado/Ranking-de-Presença-Feminina-no-Poder-Executivo-2018.pdf>

Ribeiro, D. (2017). *O que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento.

Rissatti, P., & Souza, R. (2018). Os bastidores da abertura do IX Congresso da Abrates. *METÁFRASE-REVISTA DA ABRATES*, ano 2(12). Recuperado de <http://pronoiatradutoria.com/>

Silveira, A., & Sito, L. (2018, January 10). A cor da violência: feminicídio de mulheres negras no Brasil. *Blogueiras Negras*. Recuperado de <http://blogueirasnegras.org/2018/01/10/cor-da-violencia-femicidio-de-mulheres-negras-no-brasil/>